**A Oração do Coração[[1]](#footnote-1)**

**- Parte IV -**

*Por um Cartucho*

**1 – PRÓLOGO**

**2 – ABBA, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME**

**Parte I**

**3 – VER POR INTERMÉDIO DO CORAÇÃO**

**4 – PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO**

**5 – MEU CORPO: LUGAR DE ENCONTRO COM O VERBO E TEMPLO DO ESPÍTITO**

**Parte II**

**6 – O MESMO ESPÍRITO QUE ORA EM MIM**

**7 – MINHAS LIMITAÇÕES – LUGAR PARA BUSCAR E ENCONTRAR A TERNURA DO PAI**

**Parte III**

**8 – ENTRAR NO SILÊNCIO**

**9 - A ORAÇÃO TEOLOGAL**

A oração do coração é, na verdade, a introdução de um tópico muito amplo, e muito simples, e, possivelmente, como as demais coisas simples, temos a dificuldade de identificar e formular. Gostaria, neste momento, de falar sobre a oração teologal que, de fato, é outra maneira de abordar a oração do coração.

Mas o que significa a “oração teologal”?

A fórmula “oração teologal” evoca uma orientação do coração que se baseia nas três virtudes teologais: fé, esperança e amor. Suponho que isso seja bastante preciso; As virtudes teologais são, em suma, as capacidades que Deus nos oferece de graça para alcançá-Lo diretamente, enquanto as outras virtudes, as morais, têm a ver com os meios que nos ajudam a caminhar em direção a Deus.

Aqui nos encontramos novamente com uma orientação essencial da oração do coração que aponta diretamente para o coração de Deus. É a parte mais profunda do meu coração que está em busca de um encontro direto com Deus. Não é apenas um encontro emocional objetivando experimentar a ternura divina que vem satisfazer as minhas necessidades mais íntimas e secretas, o provando a bondade de Deus sendo uma pessoa humana, mas também a oportunidade que me foi oferecida pelo Pai: é Ele que vem para mim e, além de todos os meios ou intermediários, este encontro ocorre por Seu desejo e é Ele que me dá essa oportunidade.

Pergunto-me, neste momento, caso não queiras me interromper e perguntar: “Por que insistir em algo que parece mais do que óbvio? Orar é buscar Deus, é ir ao encontro mais imediato entre Ele e eu apaixonado”.

Na verdade, parece-me que, frequentemente, ao invés de rezar assim, gastamos nosso tempo e energia em atividades que talvez apenas se assemelham à oração. Não é mais Deus, mas o eu de cada um que se torna o centro de interesse de tal ação. Todos nós experimentamos essa situação, mas talvez não consigamos compreender o que isso implica. Permita-me dizer-lhe algo da minha vida para ilustrar o que foi dito.

Na evolução da minha oração, vivi uma aventura e sei que muitos passaram pela mesma experiência, e é por isso que acho útil dizer algumas palavras sobre o que atingiu e orientou o resto da minha existência. Quando eu era adolescente, um dia, aparentemente por acaso, encontrei um volume das obras da grande Santa Teresa. E essa leitura transformou minha vida. De certa forma, ela instantaneamente trouxe das profundezas de meu coração uma fonte cujo conteúdo tenho muita difículdade de descreve-lo, embora eu soubesse que essa leitura estivesse estabelecendo um vínculo extremamente profundo e verdadeiro entre meu coração e Deus.

Essa fonte era abundante o suficiente para irrigar toda a minha vida; ela levou-me para minha cela da Catucha, a qual respondeu a todas as minhas necessidades, tanto da solidão quanto das da liturgia. Mesmo sem me fazer perguntas, podia voltar para minha verdadeira fonte que nunca me decepcionou.

No entanto, um dia foi matizado quando uma dúvida se apresentou. O que essa fonte me dava? Ela realmente respondia aos desejos íntimos do meu coração? Em outras palavras, seria Deus o que nela encontrava? Ou talvez - e é aí que a questão ficou dolorosa - não seria, em última instância, onde eu me encontrava comigo mesmo, como o reflexo de Deus que há anos me cativava? A questão tornou-se cada vez mais clara: esta fonte não era Deus e eu apenas tinha sede dEle. Devo, portanto, abandonar minha querida fonte. Se isso tivesse sido possível, agora eu estaria seco e obstruído, pois começava a senti-la como um obstáculo, ocupando o lugar de Deus em meu coração. Foi então que eu descobri a necessidade de encontrar o meio, a atitude do coração pela qual eu abriria a porta diretamente para alguém que eu estava chamando há tanto tempo em vão, porque, em minhas orações, a primeira coisa que me ocupava era eu mesmo.

Contei este episódio para dar um exemplo do que penso ser uma inevitável armadilha da solidão: sob o pretexto de buscar a Deus, ao final, encontra-se a si mesmo, de uma maneira muito piedosa, o que consiste sua felicidade. Como escapar dessa emboscada?

* **O sacramento do irmão**

Muitas vezes me lembro de outra dificuldade na minha vida pessoal e na existência religiosa daqueles que me rodeiam. Embora as relações que mantemos com as pessoas que nos rodeiam sejam cordiais, é difícil afirmar que estamos sempre dispostos a estabelecer relações mais próximas com elas. Se isso acontece com um irmão meu, como posso ver, como não podemos imaginar que esse mesmo fenômeno não aconteça também com Deus, quem não vejo? Se realmente existe um lugar onde o sacramento do irmão é efetivo, é no encontro autêntico com nosso amado Senhor. A vantagem do sacramento do irmão consiste em que ele está situado a um nível onde é difícil negar um certo número de evidências que escapam facilmente em nossos corações quando tentamos preparar os caminhos do Altíssimo.

Na verdade, o que a experiência do encontro com meu irmão me ensina? Sou aconchegante o suficiente para deixá-lo penetrar profundamente no meu ser? Ou, pelo contrário, talvez eu esteja demasiadamente protegido, blindado, repleto de rejeições? Essas forças internas fazem parte da minha fisionomia secreta; necessariamente, elas cumprem seu papel na oração e são um obstáculo para o caminhar do Senhor na busca do caminho que conduz ao santuário interno do meu coração.

Caso observe o caminho de encontro com meu irmão em outro sentido, isto é, quando eu sou a pessoa que se esforça para ir para ele, seria eu um agente melhor? Não acredito. Penso, por exemplo, em todas as formas de agressão que se movem instintivamente em mim diante de qualquer outro ser humano: muitas vezes adoto uma atitude distante diante da delicada e afetuosa atenção que, com razão, se espera de mim. Talvez essa seja uma expressão do medo de outro ou de mim, mas o fato é que esses reflexos entram em jogo em meus relacionamentos com o irmão e com o Senhor.

Perdoe-me por ter falado tanto sobre essas observações que, sem dúvida, tu as acharás irritante ou desanimadora, mas ouça o que o próprio Jesus aconcelha: “*Quem de vós, querendo fazer uma construção, antes não se senta para calcular os gastos que são necessários, a fim de ver se tem com que acabá-la?*”(Lc 14,28).

O mesmo ocorre no caso em questão. Não seria uma piada falar sobre a construção de uma torre para um encontro íntimo com Deus, sem sequer preocupar-se em saber se temos o terreno adequado para lançar as bases necessárias? É inútil tentar um verdadeiro encontro de mim mesmo com o Pai na liberdade dos filhos de Deus, se desde o começo eu não percebo que estou amarrado a milhares de costumes, e que me libertar deles representaria uma tarefa bastante difícil que, em última análise, o Senhor é o único que pode realiza-la plenamente.

* **Como filhos nascidos da fé**

Na verdade, tenho a impressão de que não sou um parceiro muito atraente para Deus. Mas seria esta a resposta que Ele espera de mim? Deus enviou seu Filho para me encontrar, exatamente da forma em que eu estou vivendo hoje. A partir deste ponto tu tens que tentar dar uma olhada na fé da situação. Seria o plano de Deus entrar em contato com seres sem defeitos, sem fraquezas e sem limitações? Ou melhor, nos diz o contrário? O Pai enviou seu Filho para nos levar sobre os ombros, feridos e perdidos como estamos, e nos levar até a laje onde podemos desfrutar da imensa alegria de ver como os pecadores recebem Jesus em seus corações.

Estamos nos aproximando passo a passo ao que se constitui na oração teologal: o encontro no meu ser real de hoje com Deus que vem a mim não para me rejeitar, tampouco para me condenar, mas para fazer de mim seu filho nascido na fé: “*a todos aqueles que o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*” (Jo 1,12)

O três vezes Santo não exige, como preâmbulo do nosso encontro, que eu seja perfeito, que tenha obras importantes para lhe oferecer, nem que eu seja capaz de servi-lo no futuro. Nada disso Lhe interessa. Não me coloca nenhuma condição. O único elemento indispensável para o nascimento dessa relação é que eu tenho fé em seu amor e que eu deseje, sinceramente, ser transformado. Se eu pudesse lhe oferecer apenas um traço desta fé, tudo seria possível.

* **A dificuldade do “simples”**

Isso é simples. É infinitamente simples. E isso é, talvez, o que torna a questão tão difícil para mim. É um pouco como a história de Naaman, o sírio, que estava disposto a submeter-se a qualquer tipo de testes difíceis, mas que não aceitava a idéia de que Deus poderia curá-lo apenas tomando um banho no Jordão confiando na palavra de Eliseu.

Gostaria muito de ter a certeza de que a qualidade do meu encontro com Deus é obra minha. Seriam minhas qualidades, minhas virtudes, aquelas que agradariam a Deus e O atrairiam para o meu coração. Graças aos meus esforços, eu me tornaria santo aos meus próprios olhos e aos olhos do Todo-Poderoso. Este programa não nos seduz, apesar de ser custoso e exigente?

Pelo contrário, o caminho proposto por Deus desvia-nos tanto que duvidamos muito antes de nos lançarmos nele e, se começarmos com um passo indeciso, temos a impressão de que falta seriedade em nosso desejo de amar a Deus.

No entanto, não seria esse o significado da primeira das bem-aventuranças? “*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o deles será o Reino dos céus*” (Mt 5,3). Não seria esse o Reino que pedimos mil vezes na Oração do Senhor? “*Pai, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu Reino*”. O reino que nos é proposto é poder glorificar o nome do Pai; para poder dizer-lhe que Ele é verdadeiramente nosso Pai porque nos gera como seus filhos. Mas, para isso, temos que ser pobres e temos medo. Estamos expostos à tentação do jovem rico que se retirou aprofundado na tristeza porque possuía grandes riquezas. E apesar de todas as nossas riquezas serem falsas, nos sentimos seguros por tê-las, porque, no fundo de nós mesmos, temos medo de sermos pobres em espírito.

Talvez este seja o principal obstáculo que nos desencoraja de nos entregarmos à oração do coração. Parece que é algo além de nossa força apresentarmo-nos diante de Deus sem ter mais nada para Lhe oferecer senão nossa pobreza, uma pobreza que nos assusta, pois são nossas feridas, nossa extrema indigência espiritual, nossa incapacidade de atravessar com nossas próprias forças a distância que nos separa da santidade de Deus.

* **Aspirar o encontro**

É este o caminho pelo qual quero lhe falar, porque acredito que corresponde ao que o Senhor nos pede: aspirar a um encontro entre Ele, como é realmente, e eu, como sou de verdade.

Primeira pergunta: Como chegar a Deus tal como Ele é? Quando se fala de Deus, achamos mais cômodo defini-Lo de forma negativa do que positiva. É mais fácil dizer o que não é Deus. Simplificando um pouco as coisas, ao final, até admitimos que é impossível saber quem Ele é realmente. Nossas faculdades naturais não dispõem de meios para nos colocar em contato direto com Ele. Estaria, então, a causa perdida por antecipação? Não, porque o Todo-Poderoso sempre quis nos encontrar, envolvendo-se totalmente nessa busca.

Pessoalmente, não posso chegar a Ele somente por minha conta. Mas Ele pode, quando quiser, transpassar a infinita distância que nos separa. “*A verdadeira luz ilumina todos os homens*”, disse João. No fundo de qualquer coração humano, brilha uma chama que pergunta: “*Tu me amas?*” E a resposta geral é como a de João: “*Veio para o que era seu* (a ti, a mim*...*)*, mas os seus não o receberam*” (Jo 1,11). Então o Senhor da vinha enviou aos seus servos, os profetas, os quais os vinhateiros assassinaram. E, no final, enviou o seu próprio filho que hoje ainda está batendo à porta do seu coração.

Jesus, atrevo-me a me expressar assim, não é nada mais do que o enviado do Pai. Esta é uma das idéias mais relevantes da oração sacerdotal: “*E creram que tu me enviaste*” (Jo 17,8b). E, desde o momento em que Jesus assume aos seus discípulos de que ele é o Enviado do Pai, ele já cumpriu sua missão e retorna ao Pai. Desde então, existe um abismo permanente entre nós e ele.

* **A luz que ilumina nosso coração**

Que abismo permanente é esse que atravessa os céus e nos permite alcançar a esse Deus inacessível? É a fé. Ela não vê a face do Pai, mas na face de Jesus, a fé dos discípulos viu o Pai. E, analogamente, o testemunho de Jesus transmitido pelos apóstolos chega-nos até hoje:

Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim. Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. (Jo 17, 20-21).

Nossa fé é fruto da oração de Jesus. É a convicção do coração, cuja raiz é o mesmo Deus, de que Deus vem até nós, agora, por intermédio do seu Filho, de sua Palavra, de sua Igreja, dos seus sacramentos, no Espírito que nos foi definitivamente dado.

Eis o ponto decisivo: somente a fé nos permite receber verdadeiramente o mesmo Deus que vem até nós. Ela não ilumina nossa inteligência (pensamento, compreensão) sobre Ele, porque continuamos a permanecer na escuridão, mas estamos seguros por descobrirmos além das luzes da inteligência: o amor do Pai que a inteligência não conseguia abraçar, mas que descobrimos a verdade nessa estabilidade que nos dá a fé.

Na fé que transforma o teu coração, pode acolher o mesmo Deus presente em ti por meio do seu Espírito: “*o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*” (Rm 5,5). Nisto, tu tens o verdadeiro e eficaz meio de chegar a Deus na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito, em sua ternura, fidelidade e misericórdia por ti e por todas as criaturas.

Pode ser que tu tenhas tido dúvidas a respeito do que eu disse sobre o modo como a fé se implanta e cresce em nosso coração. É verdade; trata-se de um ponto delicado e não quiz incomodar com longas explicações teóricas. Em última análise, o mais seguro é simplesmente observar como Jesus atua no Evangelho; precisamente, as histórias da Páscoa nos oferecem dois exemplos notáveis.

Maria Madalena e os discípulos de Emaús, em contextos aparentemente muito diferentes, chegaram à fé no Jesus ressuscitado por caminhos espirituais tão semelhantes que poderiam ser tomados como uma descrição simbólica do caminho para a fé plena de que todos nós estamos destinados a percorrer se quisermos ser fiel a o chamado que nos tem levado ao deserto.

Atentemo-nos aos discípulos caminhando tristemente, ao anoitecer, na estrada que leva de Jerusalém para Emaús. Eles estão falando e discutindo enquanto caminham, mas têm um coração triste, submerso na escuridão, abatido e desanimado. Até aquele momento, sua vida tinha sido iluminada pela pregação de Jesus e Ele acabara de morrer, estava realmente morto. Onde ir agora?

Mas, eis que Jesus está novamente ao seu lado. Eles não O reconhecem, mas, sem alarde, desde as primeiras palavras, ele recupera seu lugar em seus corações nos quais passa a arder uma nova chama. Então, de repente, no momento em que o misterioso estrangeiro começa a partir o pão, a luz brilha. É Ele quem desaparece no ato, embora a fé brilhe em seus corações, uma fé que nunca mais se apagará.

Algo parecido ocorreu com Maria Magdalena. Desconsolada por não poder, ao menos, recuperar o corpo do crucificado, lamenta-se na entrada do túmulo. Também parece ter perdido a fé autêntica em Jesus Cristo vivo. Ela tem apenas uma preocupação que não a deixava em paz: o corpo do Senhor teria sido roubado e gostrai muito de poder encontra-lo, pois era tudo o que restava de seu querido Senhor, de acordo com o que imaginava.

Mas Ele está lá, embora não O reconheça. Sequer tentou vê-Lo, tendo em vista estar obcecada com suas memórias e seu propósito de encontrar o seu corpo. Seria ela capaz de, pelo menos, supor que o estranho que lhe fala poderia ser o próprio Jesus? Uma única palavra, Maria, foi suficiente para que a luz brilhasse. Agora, mesmo que fisicamente distante dEle, nada poderia tirar-lhe a certeza que preencheu o coração da Magdalena.

É aqui onde o Evangelho do qual acabamos de falar revela-nos o segredo que permite o nascimento da fé em no nosso coração. Nos é dada pelo mesmo Jesus que, por iniciativa própria, vem como se estivesse escondido, sem ser reconhecido, fica em nossa companhia e acende um fogo em nós até descobrirmos que Ele está aqui. Acima da morte está aqui, vivo e ressuscitado, em nossos corações.

Somente tivemos tempo de nos darmos conta dessa maravilha quando já desaparecida, mas permanece a luz que ilumina nosso coração, luz da fé, puro dom gratuito surgido de sua misteriosa presença e capaz de enfrentar a prova do tempo, da escuridão, das contradições. A fé é a luz que vem do Ressuscitado e brilha em nós, iluminando tudo o que tocamos, para levá-lo ao mistério da ressurreição, além da escuridão mortal de que já fomos escravos.

Portanto, a fé nunca espalha de imediato a todas as profundezas da nossa alma. De certa forma, avança como por sucessivas ondas, atingindo os lugares que permanecem no escuro e o mesmo cenário é repetido mais e mais. Um dia descobrimos que nossa oração parece ter tomado um caminho sem saída. Sim: os meios que dispomos são insuficientes para seguir mais longe; então a incerteza nos invade e nos desanima. Jesus é o único que pode nos tirar desse buraco. Quando essa certeza começa a crescer em nosso coração, já é um sinal de que o Senhor retornou, acompanhando-nos ao longo do caminho e “*explica-nos o que dele se achava dito todas as Escrituras*” (Lc 24,27). De forma misteriosa, o Senhor destila a fé em nosso coração; quando desaparece, é porque a escuridão abriu espaço à clareza, a uma luz discreta mas forte que não vem da lógica do nosso raciocínio, mas um dom gratuito do Espírito, mais sólido e mais puro que qualquer segurança humana.

* **Avançando na fé**

A luz da fé te introduz na vida eterna porque é a única que pode fazê-lo. Tudo o resto está ao lado de cá do que Deus nos ofereceu desde o dia em que Jesus ressuscitou. Qualquer outra luz intelectual ou qualquer outra experiência espiritual que gostaríamos de nos apoiar de vez em quando são respeitáveis e dignas de estima, mas, no final, não são fontes de vida na medida em que não conduzem à fé.

A fé nos foi dada por Deus desde o batismo e é um dom que se multiplica de acordo com nosso desejo de recebê-lo e de acordo com nossa vontade de torná-lo frutífero. Se deixarmos nossa fé desocupada por ignorância ou negligência, ela ficará “enferrujada”, tornar-se-á esclerosada, enquanto gastamos nossa força em exercícios espirituais que mais nos agrada, mas que não darão frutos.

Se quiseres viver na fé, deverás desenvolver o que o Espírito Santo já depositou em ti: Deus espera que Lhe peças com persistência e perseverança pelo crescimento de tua fé. É uma oração que, mais do que qualquer outra, pode ter certeza de que Deus sempre quer receber, porque Ele deseja muito mais do que tu ver-te progredir nos caminhos da vida eterna. Isso não significa – especialmente no início – que tu não terás a sensação de que o Senhor não tem pressa para aumentar tua fé. Isto prova que a tua fé ainda é bastante fraca e que deves primeiro plantar as raízes antes de ver o desenvolvimento do caule. Não te desencorajes porque, apesar de teus primeiros passos parecerem inúteis, certamente não são. Coloque em ação a fé que tu és portador e creias firmemente que teu Pai do céu já te recebeu.

Então, poderás começar a viver cada vez mais na fé. Durante a liturgia, no tempo da oração, no trabalho, teu coração estará mais facilmente em contato com o Senhor, se receberes dEle esse amor sombrio, muitas vezes não gratificante, mas tão divino; o amor que Ele te dá, caso Lhe entregues a tua fé carente de belas idéias ou dos caprichos de tua sensibilidade. Eu não tenho truques para te ensinar. Deves pedir a Deus uma fé viva para te ensinar a orar. É Ele quem ocupará o teu coração, a tua atenção, pouco importa que não tenhas uma imagem exata para se fixar. O Senhor está vivo e tu estás em sua presença.

* **Viver em esperança**

No entanto, se permitires que a fé se desenvolva no teu coração, um dia descobrirás que a esperança está trabalhando em ti. Ela já estava ativa desde o início, na medida em que tua fé se baseia na certeza de que Deus te ama. Esta certeza já é um aspecto da esperança desde o momento em que não é apenas uma questão de acesso à realidade do mundo divino, mas de perceber claramente em que medida tu também existes para Deus. Tu tens valor aos Seus olhos e Ele está disposto a distribuir universos inteiros para ti.

Este é o ponto de partida da esperança: saber que Deus te ama de forma única. Ninguém poderá ocupar teu lugar em Seu coração. Ele deu Seu Filho por ti e continua O entregando todos os dias na celebração eucarística. Sustentado por esta certeza, tu podes pedir a teu Pai tudo, sem cessar e sem hesitação, enquanto orares em nome de Jesus. Podes ter certeza de que Ele vai te escutar e que os frutos que receberás de tua oração serão melhores do que esperavas.

A esperança tem outro aspecto que muitas vezes testa nossa pobre insegurança humana. Desde o momento em que eu sei que Deus me ama de maneira única e, como resultado, assumiu minha existência, tudo é diferente. Ele me envia por caminhos desconhecidos nos quais eu dependo apenas de Sua luz, de Sua força, de Seu amor. Então Ele me pede, no sentido mais básico da palavra, para que eu confie nEle. Muitas vezes no escuro, na incerteza, mas finalmente em paz, sempre e quando eu não me afasta de Sua mão e de seu coração.

“*Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus*”. Acima de todas as preocupações - tuas ou das outras pessoas - o Pai pede que O ajudes a reinar a paz em teu coração pelo único motivo, mais sólido que qualquer razão humana, de que Ele te ama incessantemente e te vigia. Quantas tempestades poderias acalmar, caso O escutastes e nEle confiastes? Então te chamarás de filho de Deus e assim serás de verdade (cf. 1Jo 3,1).

Esta esperança é válida não só para ti, mas para todos os teus entes queridos, caso intercederes por eles, identifica-te com suas necessidades e também com a realidade do amor que eles despertam no coração de Deus. Quanto mais confiança tu tiveres neste amor duplo do Senhor, por ti e por aqueles que amas, melhor acolhida tu terás.

Assim como a fé, a esperança não é uma capacidade natural do coração. É tua, mas é um dom gratuito, está em ti desde o batismo e precisa crescer e tornar-se “operacional” sob a ação do Espírito Santo e graças às oportunidades que são a ti apresentadas, para treiná-las e suavizá-las, com vistas a manter-te disponível e em alerta nas mãos do Senhor. Mas não te esqueças de que tens de treiná-la, fazendo-a trabalhar fortemente, para chegar a isto. Em troca, que alegria saber que o Senhor encontra em ti Sua felicidade.

* **Os três tipos de amor**

Chegamos à última das virtudes teologais, a maior segundo com São Paulo, a caridade, o amor. Ela exerce em três registros: o amor pelo Senhor, o amor pelo próximo, o amor por nós mesmos. Estes três amores não são iguais, mas crescem da mesma raiz: os três juntos são a imagem do amor eterno que une o Pai e o Filho no Espírito. É o mesmo Espírito que nos foi dado em Pentecostes que nos permite amar como amam o Pai e o Filho.

Este amor divino tem, certamente, pontos em comum com o amor humano que é um reflexo de Deus em nossos corações porque Deus é amor. Qualquer amor verdadeiro, qualquer que sejam seus limites, nos envia de volta a Deus, embora muitas vezes o faça de maneira distante. Mas o amor divino que nos interessa aqui, mais do que a fé e a esperança, é um novo dom, vindo diretamente do coração de Deus. Não é uma técnica, apesar de ter que aprender passo a passo para introduzi-la em nossa vida real. Não é uma técnica, é o mesmo ímpeto em que as pessoas divinas vivem e de que participamos para poder viver à sua imagem.

A realidade do amor em ti é reconhecida pela qualidade da visão que tu diriges a uma pessoa; isto é, se a condenar, e se fores incapaz de não a respeitar e de não a admirar, tu viverás em plena pobreza diante dela, sem conservar nada do que podes dar. Ao mesmo tempo, tu aspiras a receber o mesmo de sua parte, não como um direito que poderias exigir, mas como um cumprimento de teu amor.

Não confunda o amor teologal com os grandes impulsos de paixão que despertam das profundezas do coração ou da nossa sensibilidade. Eles não se opõem, necessariamente, ao amor verdadeiro, mas estão situados em outro nível. A verdadeira caridade não acaba neste mundo ou em outro. As grandes paixões se assemelham às ondas do mar, violentas, às vezes poderosas, mas em mudança e que podem dar lugar a uma tranquilidade absoluta.

Parece nos ensinar a experiência de que o amor mais difícil de desenvolver em nosso coração e acima de tudo, no início, é o amor para conosco que nada tem a ver com o egoísmo, o amor próprio ou o voltar-se a si mesmo. É um dom do Todo-Poderoso que nos chega porque somos seus filhos: quaisquer misérias que possamos descobrir em nós mesmos, quase não contam com essa divinização. Isso não pode deixar de provocar nossa admiração, alegria, respeito e amor, na luz e na transparência. Nunca deixes de cuidar deste amor em ti, porque se fosse muito deficiente, a comunhão com Deus sofreria.

Devemos ler novamente o discurso de Jesus na Última Ceia e a primeira carta de São João se quisermos ouvir o que nos diz o coração de Deus sobre o amor pelos outros. Todos nós temos a oportunidade de praticá-lo na vida cotidiana, mas devemos desenvolvê-lo e aprofundá-lo sem descanso na oração, abrindo cada vez mais nosso coração ao do Pai e do Filho.

Falando em amor por Deus, atingimos o único propósito dessas páginas. Um objetivo cujo resultado nós recebemos desde o início da vida espiritual, mas que não podemos trazer à plenitude antes da segunda chegada do Senhor quando, em corpo e alma, na comunhão de todos os santos, veremos Deus que se entrega a nós, sendo capazes de acolhe-lo.

* **Entregues a quem nos ama**

Depois de ter evocado brevemente o rosto das três virtudes teologais, gostaria de apresentar uma palavra sobre algo que me parece ser uma característica completamente diferente da oração teologal. No início dessas páginas, eu disse que seu objetivo era nos levar diretamente a Deus. É o que gostaria de salientar de uma forma mais rigorosa. A oração teologal nos coloca em um relacionamento pessoal com Alguém e não com alguma coisa: é um verdadeiro encontro entre tu e o Pai ou seu Filho ou seu Espírito. Tu não vais mais a eles por meio da mediação de idéias, por mais sublimes que sejam, ou de contemplações intelectuais do mistério. A palavra de Jesus, que é o fundamento da nossa fé, nos leva diretamente ao Seu coração sem qualquer intermediário, assim como o do Pai ou do Consolador, na simplicidade da unidade divina.

Percebeste que, ao longo do Evangelho de São João, a censura que Jesus lança constantemente contra os judeus, que não podem ou não querem acreditar, é sempre a mesma coisa? Eles são incapazes ou fazem-se incapazes de aceitá-Lo. Eles escutam as mesmas palavras que os discípulos, são testemunhas dos mesmos sinais, são herdeiros das mesmas promessas, mas permanecem longe de Jesus, não entram em contato com Ele. A única coisa que fazem é projetar sobre Jeuss os seus pensamentos e suas teorias, ao invés de vê-Lo e deixarem-se iluminar até o mais profundo de seu coração. Não creem. Eles querem manter distância entre as idéias que acreditam, de sua propriedade, e a realidade do dom de Deus que os forçaria a se despojar de tudo e abrir seus corações à pessoa do Filho.

Isso é mais ou menos o que vivemos, assim como os judeus, amarramo-nos às coisas criadas que nos dão mais segurança em vez de nos entregarmos à Pessoa divina que não pode nos dar nada além de si mesma. E não seria a oração teologal, precisamente, este dom de nós mesmos, sem limite ou restrição, quem nos ama?

1. Segunda parte do texto traduzido pelo Rev. Frei João Milton Menezes, cujo original está disponibilizado no site <https://textosmonasticos.wordpress.com/la-oracion-del-corazon/>. Aos seus responsáveis, nossos agradecimentos. [↑](#footnote-ref-1)